

EDITORIAL

Os Anais da Semana dos Povos Indígenas (SPI) ocorrida entre 22 e 25 de abril de 2025 com o tema “Saberes Indígenas, Antropoceno e Emergência Climática” está em sua quarta edição. Tal evento abriga as comunicações orais seja pela inscrição voluntária ou oriundas do Curso de Formação Continuada História e Cultura Indígenas – 5ª edição. Tanto a SPI quanto o Curso são decorrentes de parcerias com instituições interessadas nas questões indígenas e suas nuances.

Ao todo são publicizados um artigo e onze relatos de experiência produzidos por professores/as participantes do Curso. Este é promovido pela UEG em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Gerência de Formação dos Profissionais da SME – GERFOR, Superintendência de Cultura de Quirinópolis, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Pantanal e Universidade Federal de Uberlândia. Temos ainda um resumo expandido resultante da apresentação oral ocorrida durante a sessão de comunicação oral no evento, totalizando treze textos.

O primeiro artigo é o de Hudson Romário Melo de Jesus Tupinambá intitulado “Arqueologia e história indígena na região de Santarém/PA: revisão bibliográfica das pesquisas arqueológicas com a Cerâmica Tapajó nos Sítios Porto e Aldeia, Baixo Tapajós, Amazônia”. Nele, o Autor reporta à aula inaugural¹ do curso ocorrida em 22 de fevereiro de 2025. Hudson Tupinambá compartilha “trajetórias de formação científica, pesquisa arqueológica e práticas educativas comprometidas com os territórios indígenas ancestrais”, que levam à “construção de uma sensibilidade crítica perante as multiplicidades dos saberes locais, diante das narrativas históricas e das relações entre arqueologia que valorizam a agência dos povos indígenas” (Jesus Tupinambá, 2025, p. 2 e 4).

À exceção do artigo de Hudson Tupinambá, os relatos de experiência reportam à educação seja ela no nível superior (incluindo a educação intercultural) ou no nível básico, perpassando as etapas da educação infantil até o ensino médio. Um dado que aponta à abrangência do curso: inclui cursistas de várias regiões do Brasil atuante nos vários níveis e

¹ A aula inaugural “Os primeiros habitantes do Brasil e arqueologia indígena do Pantanal” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FHtJcmwcYF0>. Acesso em: 09 set. 2025.

modalidades da educação brasileira. De forma sucinta, apresentamos, a seguir, os/as Autores(as) dos relatos, os títulos e os seus objetivos principais.

Os dois relatos da educação superior são os de:

- Kássia Maria Queiróz da Silva e Joelma Carla da Silva em “Entre a arte e a memória: a educação Kapinawá como ato de afirmação cultural”. Elas retratam a “educação intercultural indígena no contexto do povo Kapinawá, em Pernambuco, destacando sua importância como forma de resistência cultural e afirmação da identidade indígena” (Silva e Silva, 2025, p. 1), e;

- Luís Eduardo Souza e Silva em “Dança e território: saberes afropindorâmicos na educação contemporânea”. Ele relatou a experiência em uma instituição de Ensino Superior do Rio de Janeiro-RJ demonstrando a resignificação da dança “de técnica performática para prática de reexistência” tornando-se “um modo de não esquecer nossas histórias e raízes” (Silva, 2025, p. 5).

Na sequência, temos os relatos de três professoras que atuaram no Ensino Médio de Fortaleza-CE, Nova Xavantina-MT e Rio de Janeiro-RJ, respectivamente, num trabalho articulado entre várias disciplinas, tais como: História, Sociologia, Arte, dentre outras, apontando à interdisciplinaridade possível no estudo da temática indígena nessa etapa da educação:

- Gabrielle Batista Machado em “A confecção de fanzines como ferramenta didática para a promoção das temáticas indígenas na educação básica” relatou a experiência no trabalho com a “oficina de confecção de fanzines, onde os estudantes elaboraram um material informativo e reflexivo sobre a decolonialidade, abordando as perspectivas indígenas sobre a sociedade, a política e o meio ambiente (Machado, 2025, p. 1);

- Rosa Marineide Mendes da Cruz em “Preservando a cultura Xavante: desafios e conquistas: relato de vivência na Escola Estadual Militar Danner Maia Barbosa” trabalhou a “desconstrução de estereótipos e a reflexão sobre identidade, território e direitos dos povos originários” (Cruz, 2025, p. 1).

- Eliane Teixeira dos Santos em “Mulheres Indígenas Artistas” retrata o trabalho realizado em turmas de 2ª série do Ensino Médio regular nas aulas de Arte / Artes Visuais visando “contribuir com a formação dos alunos para uma educação que reconheça e valorize os saberes dos povos indígenas, e estar em consonância com cumprimento da Lei 11.645/2008”. No contexto de discussões em torno do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março, a Professora planejou aulas sobre a obra artística de Yacunã Tuxá e percebeu sua importância “para que os alunos possam ser provocados a refletirem sobre diversas questões que são

abordadas nas obras de Yacunã Tuxa, além de conhecer a artista e se aproximar de sua obra” (Santos, 2025, p. 1 e 11).

Jonathas, Elaine, Tatiane, Terezinha, Jacqueline e José Carlos desenvolveram reflexões de práticas docentes em torno do trabalho com temática indígena em turmas de Ensino Fundamental nos anos finais e nos anos iniciais em várias localidades do país: Uberlândia-MG, Goiânia-GO, Itumbiara-GO e Bela Cruz-CE:

- Jonathas Trindade da Silva em “Letramento Visual Histórico: a interpretação de fotografias indígenas por alunos do 8º Ano” trouxe a experiência didático-pedagógica do trabalho com interpretação crítica de imagens concernentes ao “grupo indígena Umutina, autodenominado Balatiponé, que viviam na região do Mato Grosso, próximo ao rio Paraguai, na segunda metade do século XX” nas aulas de História. Para o Professor, “a experiência das duas aulas com os alunos revela problemas antigos de visualidade indígena que ainda não foram superados, como velhos estereótipos, a objetificação e a lógica colonial associada a essas populações” (Silva, 2025, p. 2).

- Elaine Faria de Oliveira em “Jogo da onça: tradição ancestral e sabedoria indígena em movimento” relatou a experiência da prática pedagógica estruturada em torno do Adugo (Jogo da onça para os Bororo) com turmas de 8º ano do Ensino Fundamental. Essa atividade buscou “aproximar os estudantes das tradições lúdicas dos povos originários que habitavam o território do Centro-Oeste brasileiro, permitindo uma vivência prática, reflexiva e significativa. Sua atividade apontou para o uso pedagógico do jogo “não apenas um recurso lúdico, mas também uma ferramenta educativa potente para a construção de uma escola mais inclusiva, plural e comprometida com o respeito à diversidade (Oliveira, 2025, p. 6).

- Tatiane Borges Oliveira Moura em “Cultura Indígena: a História além da sala de aula” buscou “ampliar os conhecimentos sobre os povos indígenas e valorizar sua contribuição histórica, social e cultural” com turma do 7º ano do Ensino Fundamental. Por sua experiência era relatou: “Era perceptível o entusiasmo e desafios que a pesquisa exigiu de cada grupo” (Moura, 2025, p. 4 e 5).

- Terezinha Gislene Penha em “Tremembé: história, cultura e luta por território no Ceará” relatou a experiência de “investigar a trajetória histórica desse povo, desde suas origens ancestrais até os desafios contemporâneos enfrentados na luta pela demarcação de suas terras e pelo reconhecimento de seus direitos” em turmas do Ensino Fundamental – anos iniciais e anos finais – “abordagem interdisciplinar, combinando métodos e conceitos da História, da Antropologia, da Sociologia e da Geografia” (Penha, 2025, p. 2).

- Jacqueline Rocha Santos em “Atividade prática sobre o protagonismo indígena na sociedade contemporânea: Relato de Experiência com os Estudantes do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal de Tempo Integral Professora Silene de Andrade – Rede Municipal de Educação de Goiânia – GO” buscou “promover a reflexão sobre o protagonismo indígena na atualidade, destacando suas lutas, conquistas e participação ativa na sociedade, e ainda, incentivar o reconhecimento das culturas indígenas como dinâmicas e resistentes, valorizando a perspectiva dos povos originários e desenvolvendo o pensamento crítico sobre estereótipos e preconceitos em relação aos indígenas” em aulas de História e Geografia. Em seu texto, a Autora concluiu que “a experiência contribuiu para uma mudança de perspectiva, incentivando o reconhecimento e a valorização da cultura indígena no Brasil” (Santos, 2025, p. 1 e 8).

- José Carlos Ferreira em “Povos Indígenas: desconstruindo preconceitos e estereótipos” revelou a importância e a necessidade do trabalho contínuo à educação antirracista com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais em componentes curriculares de História, Arte, Língua Portuguesa e Geografia. Suas palavras expressam entusiasmo “com o resultado do que foi realizado, mas conscientes que o preconceito existe de tal forma arraigado que sua superação exige um esforço contínuo, com ações que promovam a mudança de mentalidade e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva” (Ferreira, 2025, p. 4).

No resumo expandido, Maxo St Victor e Vera Lucia Martiniak em “Decolonizar o clima: perspectivas indígenas para a superação da emergência climática” elaboram, sob a perspectiva decolonial, uma “abordagem crítica da crise climática, evidenciando a permanência da colonialidade nas estruturas dominantes e apontando a integração dos conhecimentos indígenas como caminhos legítimos, sustentáveis e eficazes para o enfrentamento das transformações ecológicas em curso” (Victor & Martiniak, 2025, p. 4).

Mais uma vez os Anais da Semana dos Povos Indígenas (SPI) – 4ª edição se consolida como um espaço de publicização de práticas pedagógicas e de pesquisas engajadas, pertinentes e necessárias no âmbito da formação docente e da academia por meio das ações e reflexões de professores e professoras de várias partes do Brasil (Ceará, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro) comprometidos com o ensino da temática indígena e com a educação antirracista. Ressaltamos a diversidade de prática didático-pedagógicas efetivadas com o intuito de trabalhar de forma substancial a temática indígena no ensino superior incluindo a educação intercultural indígena e na educação básica (Ensino Médio e Ensino Fundamental). Isso aponta à relevância do Curso História e Cultura Indígenas e da Semana dos Povos Indígenas como

espaço de amplificação dessas discussões e propostas transformadoras, podendo se tornar ainda inspirações para Professores e Professoras criarem suas próprias experiências de acordo com o contexto escolar em que atuam.

A Editoria, em 10 de outubro de 2025.